

# O caderno do pequeno artista: expressão e transformação no desenho da segunda infância

Micaela Regina de Oliveira Silva<sup>1</sup>

## Resumo

Esse artigo se propõe a analisar e observar os aspectos relevantes do desenvolvimento e construção de um caderno de artista a partir da mudança implementada nas aulas de arte em ateliê no Colégio Pentágono, quando um simples caderno de desenho com folhas finas e capa simples deu lugar a um caderno de artista, compacto e diferente. Busca-se entender como essa mudança impacta nos processos criativos de cada um, conferindo assim, às próprias crianças um *status* de artista. Para esta dessa análise, conto com as considerações de Suzuki (2014), que aborda os meios de construção e uso do caderno em sala de aula, Salles (1998), sobre o processo de criativo, e Freire (1996) ao relatar a importância da relação entre professor e aluno e as abordagens de aprendizagem.

Palavras-chave: Caderno de artista. Processo de criação. Ensino Fundamental I.

## Abstract

This article aims to analyze and observe the relevant aspects of the development and construction of an artist's notebook from the change implemented in the art classes in the studio at Colégio Pentágono, when a simple sketchbook with thin sheets and any cover gave way to an artist's notebook, compact and different. It seeks to understand how this change impacts the creative processes of each one, thus giving the children themselves an artist status. Based on this analysis, I rely on the considerations of Suzuki (2014), who addresses the means of construction and use of the notebook in the classroom, Salles (1998), on the creative process and Freire (1996) when reporting the importance of the relationship between teacher and student and learning approaches.

Keywords: Artist's notebook. Creation process. Elementary school.

---

<sup>1</sup> Especialista em Arte Educação pela Faculdade Paulista de Artes, licenciada em Artes Visuais pela Faculdades Metropolitanas Unidas e professora de artes do Ensino Fundamental I. E-mail: [micaelareg.ols@gmail.com](mailto:micaelareg.ols@gmail.com).

## Introdução

Este artigo nasce de uma inquietação despertada pela experiência no ateliê com os alunos do Ensino Fundamental I da escola Colégio Pentágono, no Morumbi: como professora auxiliar e atelierista desde 2019, pude acompanhar as mudanças que ocorreram a partir da escolha de adotar um caderno de artista para as atividades desenvolvidas nas aulas de artes, ao invés de prosseguir com o tradicional caderno de desenho — formato A4, folha de sulfite com gramatura mais baixa e capa mole, ou com as tradicionais folhas de sulfite, geralmente soltas. Tal mudança aconteceu no início de 2022, e com a adoção do caderno de artista — formato A5, folha de gramatura maior e capa dura, notou-se uma mudança não só no suporte, mas na experiência e nos processos criativos dos alunos, por exemplo, a utilização de tintas tornou-se possível, já que a gramatura do caderno permitia essa técnica.

Além da abertura para outros procedimentos, o caderno de artista também revela uma nova maneira de guardar as atividades propostas em sala de aula: não se trabalha mais com a folha solta que pode ser eventualmente perdida, mas com um objeto em que é possível revisitar os processos anteriores, como em uma linha do tempo.

A partir dessas questões, é possível estabelecer uma comparação entre duas maneiras de abordar artes na escola por meio dos suportes utilizados: uma mais comum e amplamente utilizada nas aulas de artes feita com caderno de desenho — um dos poucos suportes disponíveis, em que o principal objetivo é chegar a um produto. De outra perspectiva, está o caderno de artista, um suporte materialmente parecido com o anterior, mas que permite objetivos diferentes: experimentar técnicas, materiais, perceber processos que estão além do desenho e não necessariamente chegar a um produto que deve ser entregue ou exposto, mas que exige o atravessamento da experiência do fazer, observando inclusive, a transformação das atividades ao longo do tempo— promovendo assim, abordagens mais contemporâneas para as aulas de artes.

Esta pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira se refere ao levantamento bibliográfico das frentes do artigo — arte-educação, processo de criação artístico no contexto educacional e caderno de artista; já na segunda parte, apresenta-se uma análise dos materiais construídos pelos alunos de modo a comparar os processos do caderno de desenho e o caderno de artista, levando em consideração as bibliografias.

Tratando-se da experiência em produzir e desenvolver um caderno de artista com crianças, a autora Clarissa Lopes Suzuki, com a dissertação *Cadernos de artista: páginas que revelam olhares da arte educação* (2014), apresenta o tema desenvolvido em sala de aula, em que cada aluno pode construir o seu caderno, ultrapassando o registro em sala e experimentando técnicas, materiais e modos de produzir ou fazer arte.

Sobre o processo criativo, utilizamos a autora Cecília Almeida Salles, com *O gesto inacabado* (1998), que oferece diferentes olhares sobre o processo de criação artística e suas manifestações. Ao relatar, por meio de diversos documentos de artistas a construção e o desenvolvimento de obras de arte, ela descreve as etapas e os procedimentos que transformam a matéria em arte.

Com relação à educação, utilizamos *Pedagogia da Autonomia* (1996), de Paulo Freire, que aborda a questão da educação como fonte libertadora e de conscientização do estudante e como os professores podem ensinar os alunos por meio de uma ação transformadora, criando relações de afeto e amorosidade. Freire pensava a educação como ligada à vida cotidiana e à aprendizagem do indivíduo, que utilizaria seus conhecimentos prévios como experiência e formação. Essa experiência se desenvolve a partir das relações do homem com o mundo e a realidade, ou seja, para este estudo, a disciplina de artes deve ser abordada não apenas como algo a ser cumprido no currículo, mas um constante ato de “criação, recriação e decisão”<sup>2</sup> que vai dinamizando o mundo, desafiando-o, alterando-o e permitindo sua constante transformação.

Uma das intenções dessa pesquisa é trazer para a discussão novas maneiras de abordagem para as aulas de artes nas escolas brasileiras, destacando o processo de criação, ou seja, a mesma experiência citada por Freire, como tão importante quanto o que resulta dele. Além disso, busca-se contribuir para uma articulação em que a arte e a educação possam se tornar cada vez mais próximas dos alunos/alunas, proporcionando-lhes experiências que extrapolem a noção de alunos, como artistas incentivados à criação nos mais inúmeros contextos.

## 1. O caderno de artista: autonomia, experiência em sala de aula e algo inacabado

Em *Pedagogia da Autonomia — saberes necessários à prática educativa* (1996), Freire fala sobre como os professores podem ensinar os alunos de forma transformadora, criando métodos e abordagens para que a aprendizagem aconteça da melhor forma. Ele pensa nas relações entre aluno e professor, em que o segundo orienta os alunos por meio de diálogos político-pedagógicos, aproximando-os de um conhecimento crítico a fim de desenvolvê-lo.

Freire discorre sobre diversas abordagens e, sobre elas, entendemos que ensinar e aprender são ações que caminham juntas. O professor ensina e aprende, assim como o aluno; a ação é mútua, uma construção de conhecimento e formação permanente.

*Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser*

---

2 FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996, p. 41.

*social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.<sup>3</sup>*

A partir das condições que proporcionam o entendimento do eu, cria-se a relação com o outro. O trabalho na escola e no ateliê — onde o desenvolvimento da sensibilidade, expressão e criatividade são trabalhados constantemente — torna-se um estudo de percepção daquilo que rodeia a criança. Ela se descobre como um ser no mundo e experimenta diversas sensações e experiências para, assim, tornar-se sujeito descobrindo o seu eu. Com isso, pensando nas propostas do caderno de artista, a criança como artista desenvolve seus projetos e experimentações baseadas nas descobertas adquiridas com as ações educativas, explorando seus interesses e registrando as vivências somadas ao longo da vida.

Para Suzuki, o processo criativo e a valorização dos alunos começam com o estudo e a construção do olhar do aluno como artista, “na tentativa de valorizar a práxis dos sujeitos da arte e da educação e ressignificar alguns instrumentos desgastados no espaço escolar”.<sup>4</sup> Dentro da sala de aula, Suzuki usa como matriz de estudo o caderno de artista confeccionado pelos alunos. Como a própria autora aponta, o caderno de artista é um objeto metodológico capaz de criar experiências com a arte, estimulando as relações cognitivas e afetivas no processo de construção do conhecimento. Ao dialogar com o que Suzuki traz em sua dissertação e pensando no caderno de artista como objeto de pesquisa, a ideia de mudança de suporte para a realização das atividades artísticas em sala de aula trouxe outras formas de pensar temas como a experimentação e o processo criativo.

*O objeto metodológico que contribui para revelar processos de formação e reflexão estética, na arte e na educação, não é um Livro de Artista, mas um Caderno de Artista, por ser um suporte que materializa o processo criador, o conhecimento acumulado do sujeito no caminho da construção de uma obra ou o guardador de suas experimentações, suas reflexões, até mesmo o despertar de sua poética.<sup>5</sup>*

A partir desse acúmulo do sujeito, que nos revela o caminho de sua construção na materialidade do caderno de artista (o que se desenha, pinta, escreve, cola, recorta e outras ações possíveis), analisamos como a mudança do caderno de desenho para o caderno de artista influencia no processo de criação dos alunos. Com a mudança de tamanho do suporte, de sua configuração material e, principalmente, do nome, percebemos uma transformação do processo criativo: a maneira de trabalhar com a cronologia das atividades, o uso dos materiais e a relação do aluno

---

3 Ibidem, p. 18.

4 SUZUKI, C. L. **Cadernos de artistas: páginas que revelam olhares da arte e da educação.** Tese (Mestrado em Artes Visuais) – Área de Concentração Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte, da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014, p. 18.

5 Ibidem, p. 23.

como artista com a sua obra. Além da transformação que afeta diretamente as relações do aluno com o ambiente e com o mundo que o rodeia, as quais passam a ser registradas no caderno, esse suporte nos dá um panorama maior das preferências de quem o produz, como uma base de dados, afirmando suas escolhas estéticas.

Salles (1998) confirma que o processo criador pode ser entendido como uma forma de conhecermos as etapas de criação de uma obra de arte, considerando como esse processo se desenvolve e sustenta as produções artísticas. O processo criativo pode ser visto nas anotações, leituras e observações das coisas, ele se desenvolve na relação do artista com o mundo ao seu redor. Os registros que o artista guarda são passíveis de se transformarem em outras coisas — uma anotação de palavras soltas em um texto, um rascunho em desenho finalizado, um teste de cores em pintura. Essa transformação é inevitável, os esboços mudam de forma e carregam a individualidade e a singularidade do artista, são pequenas marcas e reflexões do modo como o artista enxerga as coisas.

*Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra da quele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único.<sup>6</sup>*

Buscamos relacionar este estudo com o processo de criação de alunos que tiveram como mudança material nas aulas de artes a chegada do caderno de artista — suporte em que os resultados dependerão das interferências dos alunos, sendo cada um deles, portanto, únicos. Essa relação com um objeto pouco convencional no âmbito escolar, mas, ao mesmo tempo, tão simples, traz novas direções aos alunos que estavam acostumados com demandas de produção rápidas e em que o processo de criação do indivíduo/aluno/artista não era levado em consideração da mesma forma que a atividade finalizada. Assim, com o caderno de artista em sala de aula, a ideia é passar a valorizar os esboços, os estudos inacabados, as anotações e as experimentações que, inclusive, podem trazer resultados inesperados.

## 2. Desvendando o caderno de artista

Existem muitas definições acerca da nomeação do caderno de artista: “livro de artista, livro-objeto, livro ilustrado, livro de arte, livro-poema, poema-livro, livro-arte, arte-livro, livro-obra”<sup>7</sup> e, neste artigo, escolhemos uma.<sup>8</sup> O caderno de artista

---

6 SALLES, C. A. **O Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística**. São Paulo: Editora Annablume, 1998, p. 37.

7 SILVEIRA, P. **Definições e indefinições do livro de artista**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p.25–71, 2008, p. 25.

8 Em nossas pesquisas, a maioria dos autores e autoras utilizam a denominação livro de artista, no entanto, optamos pela nomenclatura caderno de artista, tendo em vista a autora de base e, também, pelo fato de adotarmos tal denominação na escola onde as atividades foram produzidas.

é um caderno com um tamanho não definido que possui diversas folhas (pautadas ou não), podendo ser em espiral, brochura ou costurado, em que artistas registram de maneira livre seus desenhos, pensamentos e inquietações, sua concepção deve levar em conta a liberdade para relacionar ideias e materiais. Na sua composição, são usados diferentes materiais e técnicas — pintura, colagem, textos, esculturas, esboços e anotações, não existe regra.

Desde os primórdios, a existência de registros feitos pelo ser humano foram encontrados em diversos lugares e suportes. Nas pinturas nas paredes das cavernas do período paleolítico ao neolítico, “o homem já sentia necessidade de deixar gravadas suas vivências, seu cotidiano através de imagens, desenhos figurativos, pictogramas, grafismos”.<sup>9</sup> Com a descoberta e o surgimento de novos materiais, elementos como as pedras e os ossos eram usados como suporte e, no caso dos meios de fixação, podemos citar o sangue, a urina e a seiva vegetal. Além desses materiais, o desenvolvimento do papel na antiguidade trouxe uma melhora no manuseio e na forma de registro, “a vantagem da utilização desses materiais como suporte é que eram dobráveis e reutilizáveis. O pergaminho permitiu a formatação do livro moderno”<sup>10</sup>, sendo um material versátil no momento da produção de folhas e livros.

A mudança do pergaminho para o livro foi grande, já que não era mais necessário segurar dois bastões que suspendiam a folha, facilitando o manuseio ao passar as páginas; a leitura também se tornou mais fácil, permitindo que se visualizasse mais de uma página por vez. A fabricação de livros na era medieval trouxe mudanças estéticas, principalmente nas ornamentações: as letras, além da função verbal, enfeitavam o texto. Com a modernização no sistema de fabricação, os livros deixam de objetivar apenas a disseminação de conteúdos religiosos e passam a informar, registrar, mediar, interpretar, possibilitar, ilustrar, repertoriar, intrigar, sugerir, resgatar e fazer refletir.

Ainda de acordo com Rodrigues, com o aprimoramento dos tipos de impressão no século XIX, as páginas dos livros passam a ser usadas como suporte de experimentação gráfica, pintura e desenho, permitindo a exploração do texto como imagem. Mesmo que a história do livro não incluía a preocupação com o caderno de artista, é importante lembrar que, o segundo, por ter um formato similar ao livro — a forma como é costurado e a espessura das páginas, por exemplo —, reverbera significados em comum: o do registro. Ainda que ele seja vasto quando pensamos nas temáticas que esses livros carregam, tais como os de contabilidade ou de registro geral, que não possuem uma função de registro do pensamento artístico, mas de registro financeiros e outras informações, o seu formato é capaz de promover inúmeros diálogos em torno da compilação de ideias. Na contemporaneidade, o caderno de artista começa a ser usado como um objeto de grande impacto, gerando estranhamento no público. Por conta de sua premissa conceitual,

---

9 RODRIGUES, R. M. A. **O Livro de artista**: Possibilidade como material didático pedagógico para ensino das artes visuais. Tese (Pós-graduação em Artes) – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, Universidade Federal de Minas Gerais. Contagem, 2020, p. 10.

10 Ibidem, p. 12.

os cadernos de artista só foram legitimados a partir do século XX, momento em que o entendimento da autonomia desse tipo de obra passa a ser explorado, apesar de já haver registros de cadernos de artista em séculos anteriores, tais como os de Leonardo da Vinci. Se antes o caderno de artista foi usado como suporte para esboços e registros de desenho e pintura, hoje ele é conhecido pelas variações, inclusive de nomenclatura. Ele se transformou em uma espécie de escultura com tom de manifestação política,

*[...] uma obra de arte que toma como referência o livro tradicional, no formato códice, rolo ou sanfona, podendo conter texto ou não, ser ilustrado, conter fotografias, recortes, desenhos, pinturas, ter suas folhas soltas ou unidas. Quanto ao material, podem ser utilizados papel, madeira, ferro, bronze ou carne, conforme o conceito desejado pelo artista. Mesmo que não tenha o formato do códice é considerado livro, contanto que se possa ser feita uma leitura quanto à forma, a mensagem, a estrutura.<sup>11</sup>*

O caderno de artista se mantém em suas diversas faces, não importando em qual momento da história ele foi produzido, além disso, ele tem o poder de se transformar, e o espectador pode interpretá-lo como preferir, não precisando lê-lo linearmente, como fazemos com um livro para compreender a totalidade da história, mas aproveitando-o da maneira que achar mais condizente. Ele pode ser apreciado, manipulado, cheirado, tocado e analisado — são caminhos que nos permitem chegar às suas mais diversas significações.

## 2.1 Uma experiência de caderno de artista com Frida Kahlo<sup>12</sup>

Durante as aulas de ateliê voltadas para a imersão no significado do caderno de artista, uma das referências utilizadas foi a artista Frida Kahlo. Com tímidos conhecimentos prévios de algumas crianças, os alunos se tornaram mais íntimos das famosas obras da pintora. Frida Kahlo nasceu no México em 1907, na famosa Casa Azul, e teve, durante sua vida, diversas influências artísticas exploradas em suas obras e registros íntimos. Seu famoso diário: *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*, produzido entre 1944 e 1945, quando internada em um hospital, registra a sua dor e angústia diante da notícia da amputação da perna e a transformação dessa experiência em desenhos.

Por diversas vezes Frida retratou suas questões físicas, emocionais e seus sofrimentos, utilizando-se da corrente surrealista. Ao se expressar de forma provocadora e transgressora, tensionando o espectador, o caderno de Frida “mostra o que talvez seja a principal função de um caderno: estar próximo à vida, companheiro

---

<sup>11</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>12</sup> Frida Kahlo foi a artista de referência escolhida pelo fato de a utilizarmos, nas aulas de artes do Colégio Pentágono, com diferentes turmas para apresentar um exemplo de processo de criação. A ideia era de que, a partir das produções da artista mexicana, os alunos pudessem entrar em contato com os registros deste suporte para, posteriormente, desenvolverem suas criações.

cotidiano, e daí proporcionar um território de possibilidade de armazenamento de estados brutos de sensibilidade e elaboração da subjetividade”.<sup>13</sup>

Em seu diário, assim intitulado, não por ela — pois não existem registros sobre isso —, é possível fazer aproximações com o conceito de caderno de artista. Nele, ela registra momentos de sua vida em forma de desenhos, pinturas, autorretratos e textos.

*A história de Frida Kahlo foi marcada pela tragédia e pela dor ao longo de sua vida. Entretanto, apesar de todos os maus acontecimentos, nada conseguiu destruir nela a capacidade de se deixar capturar pelo mundo em seu entorno, e devolver a esse mesmo mundo a intensidade de sua visão capturada que, por sua vez, captura os olhares de quem dela quer se aproximar, formando uma corrente de interesses, curiosidades, experimentações e afetos por vastas camadas de tempo.*<sup>14</sup>

Por retratar sua vida de forma visceral, Frida foi capaz de gerar algo particular e íntimo, abrindo as possibilidades de interpretação de sua obra, muito por conta de suas influências surrealistas. Ao compreender as complexidades que envolvem a vida da artista, a abordagem de suas obras<sup>15</sup> adentrou aos poucos a sua história, trazendo, justamente, a experiência do diário como caderno de artista. Assim como Frida esteve no hospital retratando seu dia a dia, tristezas e vivências, os alunos também puderam fazê-lo, com relação às suas vidas. No ateliê, eles começaram a pensar em como desenvolver registros a partir da compreensão da vida deles mesmos, do outro, do espaço em que habitam, da sala de aula, do ateliê — e tudo em conjunto com os materiais disponíveis (papéis, tintas, lápis, giz, argila, massa de modelar, linha, tecidos e outros) e o suporte de registro.

*O que caracteriza um caderno é sua função de suporte para o registro verbal ou visual de informações. É folheável, discreto, de pequeno formato, e se fecha. Essa natureza introvertida, portátil e ágil dos registros feitos em cadernos é, provavelmente, aquilo que mais desperta a atenção e interesse entre aqueles que se dedicam a confeccionar um caderno ou pesquisá-lo. É considerado um “ateliê de bolso” pelos artistas, ou um companheiro, pelos viajantes, um suporte para anotações, para qualquer estudante ou profissional.*<sup>16</sup>

---

13 GUARALDO, L. A diversidade de processos nos cadernos de criação. In: **Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, X Edição**. Tipo de obra: Anais. Rio Grande do Sul, pp. 653–662, 2012, p.660.

14 MAESTRO, M. L. K. D. **Entre o encenado, o visto e o escrito: o silêncio**. Escuta do diário de Frida Kahlo. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014, p. 174.

15 A história da vida de Frida Kahlo possui algumas passagens bastante complicadas, principalmente no que se refere às questões físicas — acidentes, doenças etc. Por esse motivo, e pelo fato de trazê-la para a sala de aula do ensino fundamental I, a abordagem da vida da artista é feita de forma lúdica.

16 GUARALDO, op. cit., p. 654.



O caderno de artista — como fora o diário de Frida — torna-se um suporte passível de transformação, um objeto que retém informações que o artista deseja guardar, expressar e comunicar, ele é parte da pessoa. Aqui, apresentamos duas imagens do diário de Frida.<sup>17</sup> Na primeira imagem<sup>18</sup>, observamos a dupla de páginas do diário. Na página da esquerda, no canto superior, está escrito algo como um título: *El horrendo “Ojosauero primitivo”*, em letra cursiva e na cor verde. A escrita abre a página, mostrando a seguir o que seria o *Ojosauero*: um corpo entrelaçado ou amarrado por uma fita vermelha, com quatro chifres, um grande bico, dois braços, um rabo, um olho e uma orelha nas cores verde e vermelha. Representado na diagonal, essa criatura está caindo. Assim, o *Ojosauero* é sustentado por uma escrita poética que descreve o personagem. Na página seguinte, uma grande mancha de tinta ocre invade o espaço, um corpo mais humano é retratado em posição fetal. Ao seu redor estão diversos círculos, como pequenas mandalas cobrindo os borrões de tinta, e, logo no fim da página, as escritas poéticas aparecem novamente como meio de sustentação desse corpo.

Nessas duas páginas, os desenhos, que parecem não fazer sentido, eram produzidos de forma espontânea — Frida pingava a tinta em uma página, fechava o caderno e isso fazia com que a mancha fosse duplicada, servindo como ponto de partida para as criaturas<sup>19</sup>. Interessante notar que, de um lado da página lidamos com uma criatura fantástica, do outro, com o humano, mas ambos surgiram da mesma matéria, revelando as inúmeras possibilidades do processo.

Na segunda imagem<sup>20</sup>, o contexto é outro: o desenho de dois pés, um sobre o outro, estão dispostos em uma base. Um pouco mais acima, a representação de uma parte das pernas, que foram separadas desses pés na altura do tornozelo e tomam a forma de vasos com raízes de espinhos caindo pela parte superior, sem flor alguma. Logo abaixo, a inscrição: *pies para qué los quiero/ si tengo alas pa volar* (para que quero pés se tenho asas para voar). Ao que parece, o desenho foi feito com caneta de tinta azul, um fundo aquarelado em vermelho e os pés amarelados, criando um contraste de cores quentes. O desenho é um esboço daquilo que pertencia a ela, do que desejava ter de volta. Essa é apenas uma das representações dos pés que Frida realizou durante a vida.

Utilizamos as duas imagens em comparação como forma de apresentar as vertentes de um processo criativo, aprovando-o em sua espontaneidade, já que pode se valer do que vier à cabeça, como o desabafo de um trauma, o registro de um acontecimento ou a representação de uma criatura.

---

17 Por uma questão de direitos autorais, disponibilizamos apenas os links para as imagens.

18 Disponível em: <<https://ludmilasaharovsky.com/2012/11/diario-de-frida-kahlo.html>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

19 HERRERA, H. **Frida**: a biografia. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.

20 Disponível em: <<https://www.ressonancias.com/sobre-amor-beleza-e-impermanencia-poemas-do-diario-de-frida-kahlo/>>. Acesso em: 06 dez. 2022.

### 3. Apontamentos sobre a sala de aula

As aulas de artes na escola Colégio Pentágono, Morumbi, acontecem a partir de temas em acordo com o currículo educacional de cada série/ano. Segundo a BNCC, no Ensino Fundamental I — Anos Iniciais, o componente curricular arte está dividido em quatro linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro.

*As Artes Visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas.<sup>21</sup>*

A partir dessa possibilidade de exploração concedida pelas artes visuais, é possível identificar seis dimensões do conhecimento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. No contexto das aulas, busca-se incentivar cada componente, aproveitando-os durante as atividades. Assim, após reuniões sobre os temas, cada professor se responsabiliza por uma série/ano para construir o planejamento do ciclo.<sup>22</sup> No primeiro semestre do ano de 2022, alguns dos temas abordados com as turmas do 3º ano foram:

Ciclo 1	Ciclo 2
Aula 1 — Cores e sentimentos.	Aula 11 — Festa junina, Cultura Brasileira, Patrimônio Cultural.
Aula 2 — Apresentação do conceito de caderno de artista e proposta de atividade: confecção da capa do caderno de artista.	Aula 12 — Festa junina: o boi nas festas.
Aula 3 — Teoria das cores, cores quentes e frias, diferença entre abstrato e figurativo.	Aula 13 — Festa junina: Folia de Reis - Chapéus, projeto de confecção de chapéu.
Aula 4 — Expressão por meio das cores e sentimentos.	Aula 14 — Festa junina: Maracatu.
Aula 5 — Expressão por meio das cores, sentimentos, música (sinestesia) e arte abstrata.	Aula 15 — Bispo do Rosário e o manto.

21 BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018, n.p.

22 Refere-se ao trimestre.

Aula 6 — Arte abstrata.	Aula 16 — Origem da festa junina.
Aula 7 — Círculo cromático, estudo das cores da pele.	Aula 17 — Experimentação com chita, continuação do desenho do tecido.
Aula 8 — Apresentação do projeto do 1º ciclo: Moda, conceito e sociedade.	Aula 18 — Experimentação com aquarela, tema livre.
Aula 9 — Moda e natureza, introdução à estampa.	Aula 19 — Experimentação de materiais livres.
Aula 10 — Moda e a estampa, criação de estampas em tela, sacolas de tecido e estampa digital.	Aula 20 — Introdução ao estudo das cidades.

**Quadro 1:** Temas abordados no primeiro semestre de 2022 com as turmas do 3º ano.

Ao partir desses temas, a construção de cada atividade no caderno de artista foi realizada experimentalmente: cada aluno tinha a liberdade de criar a partir do que era apresentado, assegurando o respeito à ideia de autonomia que Freire compreende como “um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.<sup>23</sup>

Um exemplo a ser destacado é o registro no caderno de artista com a aquarela, um dos primeiros materiais utilizados. A tinta aquarela é um grande estímulo na produção dos pequenos, já que ela ajuda na concentração dos alunos, desenvolve a coordenação e domínio do material, além de relaxar e ampliar a criatividade, constituindo-se como um exercício de criatividade capaz de convocar “a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser”.<sup>24</sup> Quando usamos a tinta como material principal, o foco é a experimentação (conhecer o material) e a fruição (se sensibilizar).

A sequência das aulas auxiliou nos processos de experimentação e fruição, que partiu da produção da capa do caderno de artista, seguiu pelo desenho inicial e continuou para o estudo de cores e sentimentos, configurando a aula 5. Durante essa aula, a experiência de testar os materiais, resultou no estudo de pinturas gestuais e espontâneas. Assim, as obras apresentadas a seguir, retiradas dos cadernos de artistas dos alunos, foram realizadas durante as aulas do primeiro semestre de 2022.

<sup>23</sup> FREIRE, op. cit., p. 24.

<sup>24</sup> FREIRE, op. cit., p. 35.

### 3.1 Do caderno de desenho ao caderno de artista

Por meio das imagens registradas durante algumas aulas no ateliê em um período de três anos, buscamos, através da comparação, analisar as mudanças que o caderno de artista trouxe nos processos de desenvolvimento criativo e autonomia dos alunos. A análise será feita a partir de seis imagens, separadas por temas<sup>25</sup>, a primeira refere-se ao que fora produzido em um caderno de desenho ou folha solta e a segunda, a uma produção feita no caderno de artista.

Antes de iniciar a análise, vale ressaltar como essa experiência com o caderno de artista modificou o comportamento dos alunos quando pensamos na execução das atividades. No início do ano, com a chegada do caderno, já nos deparamos com a importância de nomeá-lo como caderno de artista, além de incentivar o uso dentro e fora do ateliê, servindo de instrumento de registro e uma solução para mapear e reunir todas as inspirações, pensamentos e referências, o que não demorou a ser cumprido. A diferença de tamanho do antigo caderno para o novo, permitiu a facilidade do transporte e dos registros. Era interessante observar o quanto as crianças adoravam levá-lo pela escola e para a casa, a fim de trazer diferentes registros para a próxima aula. Na construção da capa do caderno, a liberdade de criação resultou em cadernos completamente diferentes, como por exemplo, a de um aluno que decidiu tridimensionalizar seu desenho, colando formas geométricas em sua capa, resultando, mais tarde, em uma outra atividade: esculturas de papel.

Durante uma das aulas, em que o tema abordado foi “Expressão por meio das cores, sentimentos, música (sinestesia) e arte abstrata”, a ideia era ouvir uma música de olhos fechados e, com diferentes materiais disponíveis (lápiz de cor, giz pastel, aquarela), todos juntos ou um de cada vez, registrar no caderno as batidas da música, o que se ouvia era transformado em desenho. Pude observar cada criança com os olhos fechados, umas com um sorriso no rosto, outras com a feição concentrada, o desafio de desenhar sem ver, desenhar escutando, tentar adivinhar qual cor está usando e, o mais difícil, desenhar “rabiscos” que não se parecem com nada foi intenso. A partir daí começou-se a entender que arte não é só a representação do real, de uma forma já existente, mas que pode ser feita só com rabiscos, linhas, pontos e aquilo que surge no papel de forma espontânea.

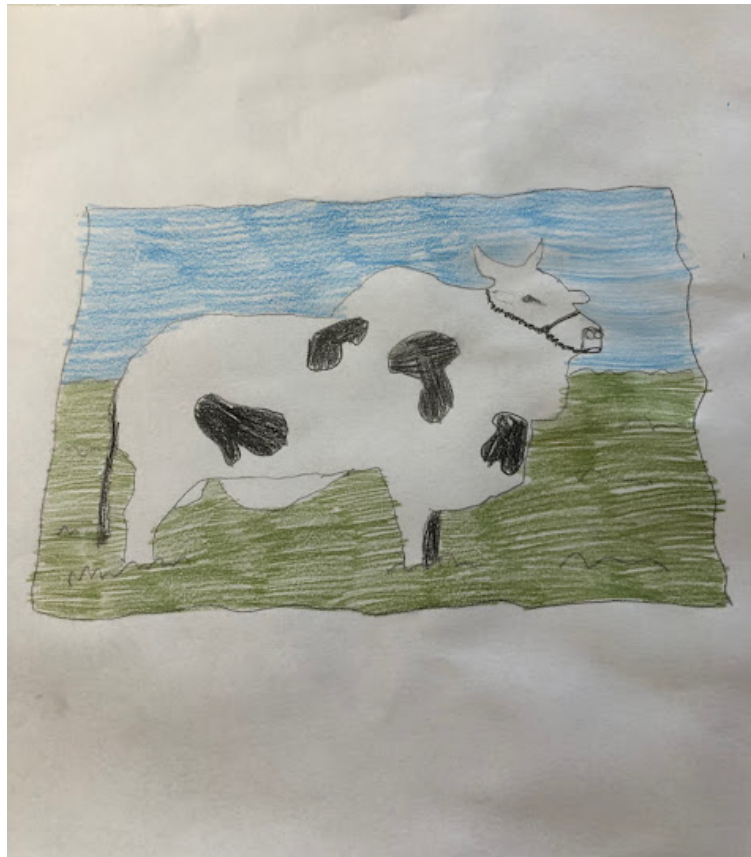
Na primeira dupla de imagens, trabalhou-se com o tema “Registro de desenho figurativo, a representação do boi na festa junina”. A figura 1 é o desenho de um boi, produzido em período de pandemia (2020) via aula síncrona, durante as aulas sobre a festa junina e a exploração das diversas comemorações juninas pelo Brasil. Com foco no Boi-bumbá ou Bumba meu boi, o objetivo era registrar as diferentes tradições de composição do boi nas festas. O desenho foi feito em uma folha sulfite branca, material bastante comum nas aulas via *meet* durante a pandemia, em que a maioria das crianças não tinha em mãos o caderno de desenho ou caderno

---

25 É importante deixar claro que as obras comparadas não tratam de um antes e depois, ou seja, a mesma proposta feita em um caderno de desenho versus caderno de artista, ou até mesmo atividades realizadas pela mesma pessoa, mas de uma confrontação do processo criativo que parte apenas de um mesmo tema.

de artista. Destacamos aqui a relevância das aulas remotas em meio ao período de pandemia, tendo em vista que essa era a única maneira de prosseguir com as atividades escolares, assim, a ideia deste trabalho não é promover um juízo de valor entre “aulas presenciais” e “aulas remotas”<sup>26</sup>, mas enfatizar os suportes utilizados nas aulas como um todo.

Nela, podemos observar que, além da folha, temos o uso de lápis grafite para um primeiro esboço e lápis de cor para colorir o desenho. Aqui, o aluno teve acesso a referências visuais, o que facilitou a criação dos desenhos.



**Fig. 1.** Desenho do boi (2020), caderno de desenho.

Fonte: Acervo pessoal.

Na figura 2, em aula presencial no ateliê, o tema consiste ainda no Boi-bumbá. Neste registro, feito no caderno de artista, a quantidade de materiais aumentou, o aluno pode utilizar a colagem de tecidos para representar o manto do boi, além do lápis grafite no esboço, lápis de cor para colorir e caneta preta para o contorno. Lembrando que os materiais se diversificaram justamente pela disponibilidade deles no ateliê, já que, na figura 1, as aulas ocorriam via *meet* e os alunos utilizavam os materiais que tinham em casa.

---

26 Esta é a única dupla de imagens em que uma atividade remota foi utilizada como exemplo, mais a frente, as atividades do caderno de desenho (ou folhas soltas), foram todas realizadas em sala de aula presencial e, como é possível averiguar, o resultado de todas elas é bastante semelhante. Assim, nosso foco aqui é promover uma análise em torno dos suportes e suas possibilidades, por isso tal questão não será aprofundada neste momento, contudo, ela aponta para outras ramificações futuras deste trabalho.



*Fig. 2. Desenho do boi, representação do Boi Bumbá na festa junina (2022), caderno de artista.  
Fonte: Acervo pessoal.*

Ao compararmos as imagens, observamos que, apesar do tema em comum, cada uma foi realizada de forma e com materiais distintos, notamos ainda que a posição do desenho na folha/caderno é diferente. Se em um primeiro momento, na figura 1, o aluno optou por desenhar em uma parte da folha, delimitando o espaço do desenho com um retângulo, na figura 2, o aluno decidiu ajustar a posição do boi próximo ao espiral, saindo da obrigatoriedade dos desenhos feitos no centro da folha. Aqui, o aluno planejou essa composição de forma que o boi parece estar caminhando e aparecendo aos poucos, construindo uma narrativa que conversa com a temática da festa junina do Boi-bumbá, já que o personagem do boi dança para enaltecer seus adereços.

Já na figura 1, a ilustração aparece estática, é um boi parado no pasto. Essa representação é encarada como um desenho de observação, não permitindo ao aluno criar ou mudar sua representação, mas se aproximar daquilo que observa. É claro que o caderno de artista está aberto para qualquer tipo de representação, mesmo aquelas em que o artista decide ser fiel à imagem de apoio, mas pensando no desenvolvimento das obras que ultrapassam as cópias, o caderno de artista se torna “o lugar do próprio indivíduo, íntimo, onde ele tem espaço para ser, para exercer a sua autoria, enfim, um espaço determinado pela escola, mas, ao mesmo tempo, uma possibilidade de exercício da autonomia.”<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> SUZUKI, op. cit., p. 24.

Na próxima dupla, as obras abordam a arte abstrata. Na figura 3, o estudo foi feito no caderno de desenho com diferentes cores de lápis. Esse registro foi de uma aula em 2019, em que ainda não tínhamos nenhuma relação com o caderno de artista. O caderno de desenho era a base de registro do aluno e dificilmente era levado para casa ou acompanhava os estudantes fora do ateliê. Com tamanho A4, possui folhas brancas finas, justificando o uso dos materiais mais simples para garantir a sua integridade. Aqui, o aluno desenvolve o desenho respeitando os limites da folha, se tornando até um desenho bem contido se compararmos com exemplos de arte abstrata ao longo da história da arte, como as telas de Wassily Kandinsky e Jackson Pollock no expressionismo abstrato — ambos apresentados como referência.



**Fig. 3.** Estudo de desenho abstrato (2019), caderno de desenho.

Fonte: Acervo pessoal.

Na figura 4, feita no caderno de artista, o registro contou com materiais variados: colagem de papéis coloridos, giz pastel oleoso e aquarela. Percebe-se que o processo de criação do aluno explora a relação com os materiais, não se preocupando com os resultados, mas experimentando as diversas maneiras de usar o giz pastel. Uma das alternativas, por exemplo, é raspá-lo de forma que se criem lascas de várias cores, espalhando-as por cima das colagens, ultrapassando a folha do caderno e a pintura de aquarela, feita de forma gestual. Nesta obra, é possível identificar que, com a importância dada ao material e suas aplicações, “a ação da mão do artista vai revelando esse projeto em construção. As tendências poéticas vão se definindo ao longo do percurso: são leis em estado de construção e transformação.”<sup>28</sup>

---

28 SALLES, op. cit., p. 40.





*Fig. 4. Estudo de desenho abstrato (2022), caderno de artista.  
Fonte: Acervo pessoal.*

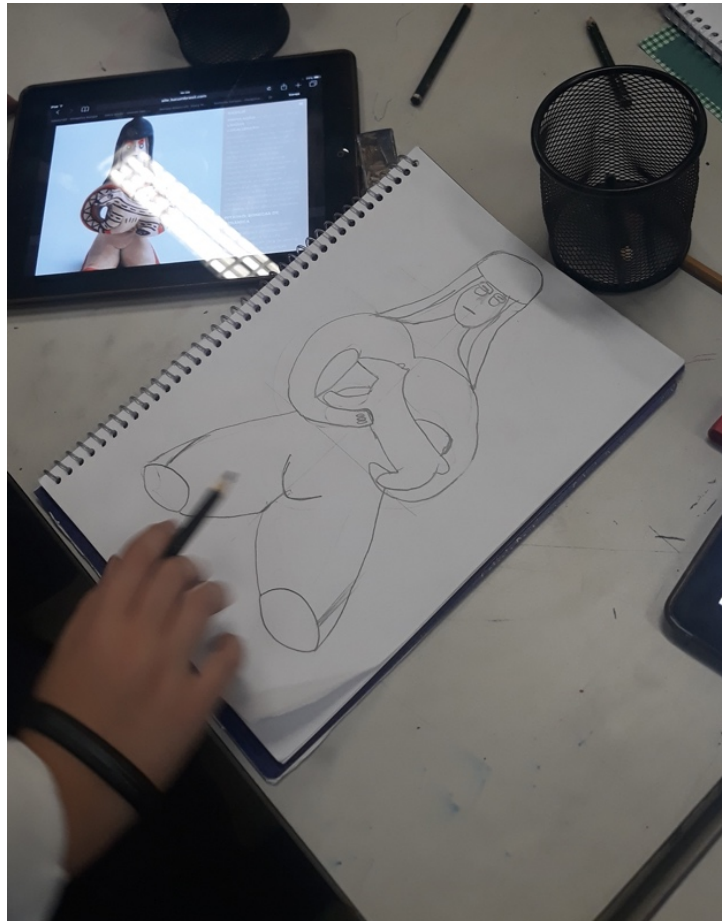
Ao compararmos as atividades, na figura 4, observamos maior ousadia, justamente por dar utilidades distintas aos materiais. Ele se arrisca nas testagens ao longo do percurso, o que reflete no resultado, “o que se observa é a sensibilidade permeando todo o processo. A criação parte de e caminha para sensações e, nesse trajeto alimenta-se delas”.<sup>29</sup> O aluno observa materiais e pensa em como usá-los, se não os conhece, passa a testá-los. Nesse contexto, resgatamos o pensamento de Freire (1996) no que se refere aos estímulos, já que, ao acionar a curiosidade, a imaginação, a intuição e a emoção, todas juntas partem em busca de novos meios de estudar os objetos e de descobrir como eles funcionam.

Nos dois últimos registros, a temática era o desenho de observação. Na imagem 5, o desenho foi produzido em caderno de desenho, com lápis grafite, utilizando como referência uma imagem da *internet* sobre as bonecas Karajás, com o intuito de, na proposta seguinte, confeccionar uma escultura do desenho feito.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>30</sup> Essa proposta demonstra que, mesmo com o caderno de desenho, é possível trabalhar com atividades que se concentrem no processo criativo — passamos do desenho bidimensional para a criação tridimensional. Ainda que esses registros fiquem em locais distintos, a experimentação, em algum grau, também está presente.





*Fig 5. Desenho de observação e estudo de escultura das bonecas Karajás (2019), caderno de desenho. Fonte: Acervo pessoal.*

O esboço baseado na imagem de apoio foi produzido de forma livre e de acordo com as preferências do aluno, porém, mantendo a referência do corpo da boneca. Percebe-se que o aluno reproduziu fielmente o desenho, de acordo com a imagem no *tablet*, fazendo desse projeto uma cópia da boneca e não uma criação autoral. O desenho foi feito de forma que ocupasse toda a folha (A4), além de trabalhar a perspectiva do objeto. Concluímos que, nesse caso, o principal objetivo era a reprodução do que se vê, provocando um estudo das formas.

Na figura 6, no caderno de artista, foi colado um pedaço de tecido de chita em que o aluno deveria, por meio do desenho, registrar uma continuação da estampa do tecido, abrindo-se para possíveis modificações da imagem e utilizando o giz pastel oleoso como ferramenta. O desenho de observação é transformado: a ideia era se atentar aos detalhes do recorte de tecido e, após esse primeiro estudo, reproduzir o que se via, continuando o desenho, mas abrindo possibilidades para mudanças da estampa. A mimese já não é fundamental para esta proposta, mas sim utilizar alternativas de transformação do processo de reprodução, afinal, “o artista tem maneiras singulares de se aproximar do mundo à sua volta. Os cadernos de anotação guardam, muitas vezes, as seleções feitas pela percepção, ou seja, o modo como o artista apreende e se apropria da realidade que o envolve”.<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Ibidem, p. 123.



**Fig. 6.** *Desenho de observação e continuação da imagem do tecido de chita (2022), caderno de artista. Fonte: Acervo pessoal*

Nessa atividade, a percepção do aluno é aguçada, ele estuda as alternativas que existem para a continuação do desenho e pensa nas maneiras de reproduzir aquilo que deseja. Com isso a sua percepção é altamente desenvolvida, sendo ela

*(...) o instante em que o artista vai tateando o mundo com olhar sensível e singular. Sondar o mundo é uma forma de apreensão de informações, que são processadas e que ganham novas formas de organização. A percepção é, portanto, uma possibilidade de aquisição de informação e, conseqüentemente, de obtenção de conhecimento.<sup>32</sup>*

Assim, ao trabalhar um olhar sensível para qualquer tema e a partir das experiências apresentadas em comparação com os suportes disponíveis para as aulas de arte, é possível afirmar que o caderno de artista se torna um objeto de estudo e investigação pessoal, abrindo caminhos para que os alunos desenvolvam seu pensamento crítico, se expressem livremente e ampliem seus conhecimentos, inclusive no que se refere às técnicas artísticas.

## Considerações finais

Este trabalho possibilitou uma comparação de suportes utilizados nas aulas de artes com alunos do Ensino Fundamental I: o caderno de desenho e o caderno de artista. Tomando como ponto de partida as experiências na escola Colégio Pentágono e utilizando como referência o *Diário de Frida Kahlo* e os relatos sobre sua

---

<sup>32</sup> Ibidem, p. 122.

vida, apresentados em sala de aula como exemplo de um caderno de artista, observamos como a mudança física e nominal do suporte afetou os processos criativos dos alunos nas aulas de artes no ateliê.

Ao considerar as atividades dos alunos, buscou-se a contribuição teórica de autores e autoras que versam sobre como os professores podem ensinar de maneira transformadora (FREIRE, 1996), como acontece com a experiência da criação de um caderno de artista confeccionado por alunos. Além disso, buscamos entender como o caderno de artista pode ser usado dentro e fora da sala de aula (SUZUKI, 2014) para construir diferentes processos criativos e indicar caminhos para a transformação da matéria em arte (SALLES, 2014).

Ao observarmos cada processo com o caderno de artista e compará-lo a uma obra de temática semelhante, mas com suporte distinto, o olhar dos alunos é expandido. O processo de experimentação se desenvolve criando bases para a construção de um conhecimento individual e inúmeras descobertas, permitindo ao aluno produzir uma trajetória particular de acordo com suas preferências e necessidades, mas sem abandonar, por exemplo, um saber comum apresentado e discutido em ateliê. Aqui, não tratamos de uma evolução do suporte, mas de uma mudança no pensamento sobre o fazer artístico: a criança passa a se enxergar como construtora de uma obra. Valorizam-se experiências mais livres e de experimentação, assim como Frida Kahlo fizera em seu diário ao utilizar as páginas de forma espontânea, concedendo espaço para reflexões e registros. Portanto, o caderno de artista permite tanto a livre expressão dos alunos em momentos de experimentação de materiais e registros, quanto a condução de trabalhos voltados ao planejamento das aulas, construindo um diálogo rico entre o que precisa ser abordado e a forma como os alunos e alunas desenvolvem novos conhecimentos e habilidades. O caderno de artista pode apontar para um espaço em que a educação e a arte tornam-se mais acessíveis e tangíveis, capazes, inclusive, de ultrapassar os muros da escola e passar a fazer parte da vida de nossos pequenos artistas.

## Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- GUARALDO, L. *A diversidade de processos nos cadernos de criação*. In: **Congresso Internacional da Associação de Pesquisadores em Crítica Genética, X Edição**. Tipo de obra: Anais). Rio Grande do Sul, pp. 653-662, 2012. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/apcg/edicao10/Lais.Guaraldo.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- HERRERA, H. *Frida: a biografia*. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Globo, 2011.

MAESTRO, M. L. K. D. **Entre o encenado, o visto e o escrito: o silêncio.** Escuta do diário de Frida Kahlo. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 190. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/handle/10/3175>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

PAIVA, A. P. M. de. **A aventura do livro experimental.** Belo Horizonte: Editora Autêntica; São Paulo, SP: Edusp, 2010.

RODRIGUES, R. M. A. **O Livro de artista:** Possibilidade como material didático pedagógico para ensino das artes visuais. Tese (Pós-graduação em Artes) – Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, Universidade Federal de Minas Gerais. Contagem, p. 42. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35429>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SALLES, C. A. **O Gesto Inacabado:** Processo de Criação Artística. São Paulo: Editora Annablume, 1998.

SILVEIRA, P. **As existências da narrativa no livro de artista.** Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração em História, Teoria e Crítica da Arte, no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12111>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

SILVEIRA, P. **A página violada:** da ternura à injúria na construção do livro de artista. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/2pwn4>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SILVEIRA, P. **Definições e indefinições do livro de artista.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, p.25-71, 2008. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/2pwn4/pdf/silveira-9788538603900-03.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

SUZUKI, C. L. **Cadernos de artistas:** páginas que revelam olhares da arte e da educação. Tese (Mestrado em Artes Visuais) – Área de Concentração Teoria, Ensino e Aprendizagem da Arte, da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 79. 2014. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-08062015-124306/en.php>>. Acesso em: 04 de jun. de 2022.